

BREVE LANÇAMENTO NO CAMPO BELO

269 M² E 341 M² | 4 suítes | 3 e 4 vagas

CASA CARIBOLÉ

SAIBA MAIS

PUBLICIDADE

CYRELA

## Mostra com Degas em casa modernista destaca busca por alternativas a galerias

Exposição "Aberto 02" ocupa residência projetada por Vilanova Artigas e traz trabalhos de artistas como Tarsila do Amaral e Cildo Meireles

Por Nina Rahe — para o Valor, de São Paulo  
17/08/2023 05h19 - Atualizado há 10 meses

Presentar matéria



"A Saída do Banho", de Edgar Degas — Foto: Divulgação

Antes de chegar ao número 2036 da rua Comendador Elias Zazur, onde fica a residência projetada pelo engenheiro e arquiteto João Batista Vilanova

Artigas, já chama a atenção, do alto da laje, uma estrutura de metal com grandes pedras posicionadas sobre ela.

Nesta obra, intitulada "Acapulco Chair Stack", o artista mexicano José Dávila empilha armações da famosa cadeira Acapulco umas sobre as outras para criar uma composição na qual os elementos naturais contrastam com o material industrial não só por sua forma e proveniência, como pelo peso que exercem sobre a pilha.

A instalação, que tem como premissa apresentar um objeto familiar por meio de uma nova perspectiva, não poderia ser mais propícia para anunciar o que se encontrará porta adentro, já que o local (antes restrito ao uso doméstico) está acessível ao público até 17 de setembro na mostra "Aberto 02", com trabalhos de artistas como Tarsila do Amaral e Edgar Degas (os ingressos custam entre R\$ 60 e R\$ 80).



Localizada no bairro Alto da Boa Vista, em Santo Amaro, a casa foi projetada em 1974 para o engenheiro Alfredo Domschke e sua mulher, a bióloga Lydia Domschke, que ali viveu até sua morte, em setembro do ano passado. Exemplo da arquitetura de Artigas, o projeto segue o pensamento no qual a estética é indissociável da integração social. Assim, a opção por rampas e vidros possibilita a apreensão total do espaço e torna os cômodos interligados.



"Furor de Peito e Remela", de David de Jesus do Nascimento — Foto: Roy Teixeira/Divulgação

São escolhas que, inspiradas nas ideias do Partido Comunista, ao qual Artigas era filiado, não deixam de valorizar a "Aberto 02", uma vez que, desde a entrada, já se vê a tela "Cenas de Casa, Plantas Carnívoras", de Paulo Nimer Pjota, no andar superior. As obras de Ivens Machado, Adriana Varejão e Cildo Meireles, dispostas na antiga sala de jantar, também se beneficiam de diferentes ângulos à medida que o público circula pelo local.

Enquanto a primeira edição do "Aberto" se deu em uma residência projetada por Oscar Niemeyer em São Paulo, a ideia de ocupar agora uma casa assinada por Vilanova Artigas veio da vontade de colocar o arquiteto expoente da Escola Carioca em diálogo com um dos principais nomes da Escola Paulista de Arquitetura e contrapor as formas escultóricas da "locação" inicial com os ângulos retos da segunda. A decisão contou também com a sorte: quando Filipe Assis, idealizador do projeto, resolveu realizar a primeira edição, não sabia que seria procurado por Gisela Domschke, uma das quatro filhas de Alfredo, para conhecer a casa onde ela cresceu.

Diretora institucional do Auroras, uma construção modernista no Morumbi que se tornou um local de exposição de arte, Gisela sabe bem a importância de propostas como essa para a preservação do patrimônio arquitetônico da cidade, cada vez mais ameaçado pela especulação imobiliária. "Já fomos abordados por empresas que gostariam de pôr tudo abaixo, e isso não aceitamos. A gente pode considerar uma venda se for para alguém que veja o valor e queira preservar", explica ela.



"Cenas de Casa, Plantas Carnívoras", 2022, de Paulo Nimer Pjota — Foto: Roy Teixeira/Divulgação

Essas iniciativas andam junto com a vontade de criar alternativas que fujam ao modelo expositivo tradicional, algo em que as próprias galerias de arte vêm investindo atualmente. A Simões de Assis, por exemplo, ocupou neste ano a Casa Gerassi, assinada em 1991 por Paulo Mendes da Rocha, e a Mendes Wood DM inaugura a exposição "Linhas Tortas" em setembro na Casa Iramaia, projetada por Gregori Warchavchik em 1950.

Sair das paredes brancas para adentrar o espaço doméstico, entretanto, envolve desafios práticos e conceituais. No caso da casa Domschke, os envolvedores precisaram desenvolver um sistema de pendurar as telas a partir do teto, uma vez que as paredes de concreto não poderiam ser furadas, e houve uma extensa pesquisa para o restauro, com pinturas que seguiram as cores originais.

"Do ponto de vista da concepção, as motivações também são outras, porque você não parte de uma lista ou tema, mas da vontade de criar um diálogo com a arquitetura", explica Kiki Mazzucchelli, que assina a curadoria ao lado de Assis e Cláudia Moreira Salles.

Dentro desse diálogo, algumas aproximações se dão de forma mais clara. A escolha de Ivens Machado, por exemplo, pode ser justificada pelo fato de o artista utilizar materiais comuns do brutalismo arquitetônico, como o concreto. Ana Elisa Egreja, uma das convidadas para elaborar uma obra especialmente para o espaço, por sua vez, também parte de um tema que lhe é habitual (as saboneteiras) para criar as pinturas que estão agora expostas nos banheiros.

"É bem legal você ter essa metalinguagem e conseguir encontrar o que está ligado pela casa. Nunca faço um retrato perfeito, sempre invento, mas é uma pintura realista com referência direta", explica a artista.

Já Davi de Jesus do Nascimento, que leva a experiência nas águas do rio São Francisco por meio de desenhos, fotografias e performances para dentro de museus e galerias de arte, viu pela primeira vez a embarcação a vela que construiu junto a seu pai ("Furor de Peito e Remela") ser posicionada em uma piscina. "Gosto de ver o contraste do que eu produzo em lugares onde eu nunca imaginaria que minhas obras pudessem estar", diz o artista, cujos desenhos da série "Gritos de Alerta" também podem ser vistos no corredor que dá acesso aos quartos.

É ali, no espaço mais intimista da casa — onde, apesar das grandes janelas, a interligação entre os cômodos (e ângulos) é menor —, que a curadoria reservou lugar para os núcleos temáticos da exposição, em uma montagem que, pela disposição, não se distancia tanto do que se vê nas paredes das galerias. Enquanto um dos quartos é dedicado a Artigas, com produções de rigor formal — como as de Luiz Sacilotto e Lygia Pape —, o outro reúne trabalhos de cunho popular, de nomes como Nilda Neves e Djanira, para homenagear Virgínia Artigas, mulher do arquiteto e também artista.

Para "A Saída do Banho", a única peça que não está à venda e um dos destaques da exposição, ficou o último ano. A obra de Degas e datada de 1884, está ao lado da pintura "Torse au Ruban Bleu", de Suzanne Valadon, em um ambiente que ganhou ares de escritório. Nele, Degas e Valadon se juntam a outros tantos, entre Bruno Dunley, Rubem Valentim e Jaider Esbell, dividindo a atenção com o mobiliário de design da Etel.